

DO CRISTO AO PORTO: AFETIVIDADE LGBTQIA+ NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE SALVADOR
From Christ to the Port: LGBTQIA+ affectivity in Salvador's public spaces

Robson Cerqueira Ferreira¹
 Patrícia Ponte²

RESUMO

As emoções humanas desempenham importante papel nas formas como nos relacionamos com os outros e com nosso entorno. Presentes no corpo humano e culturalmente/historicamente moldadas, as emoções estão ligadas às nossas concepções e percepções de mundo e de espaço. Sendo assim, experiências emocionais podem ser, também, experiências espaciais, e suas singularidades reverberam nos significados que diferentes sujeitos atribuem aos lugares. Neste artigo, abordamos um exemplo dessa relação emocional com o espaço, a partir da investigação das vivências afetivas da população LGBTQIA+ nos espaços públicos de Salvador (mais especificamente, o trajeto que vai do Cristo ao Porto da Barra, na orla atlântica da cidade), buscando compreender e problematizar as múltiplas – e, ao mesmo tempo, em alguns contextos, limitadas – experiências de uso e ocupação dos espaços, e a relação indissociável entre corpo, emoções e lugar.

Palavras-Chave: População LGBTQIA+. Geografia das Emoções. Lugar.

ABSTRACT

Human emotions play an important role in the ways we relate to others and our surroundings. Present in the human body and culturally/historically shaped, emotions are linked to our conceptions and perceptions of world and space. Thus, emotional experiences can also be spatial experiences, and their singularities reverberate in the meanings that different subjects attribute to places. In this article, we address an example of this emotional relationship with space, from the investigation of the affective experiences of the LGBTQIA+ population in the public spaces of Salvador (more specifically, the path that goes from Christ to the Port of Barra, on the city's atlantic coast), seeking to understand and problematize the multiple – and at the same time, in some contexts, limited – experiences of use and occupation of spaces by these subjects, and the inseparable relationship between body, emotions and place.

Keywords: LGBTQIA+ population. Geography of Emotions. Place.

¹ Licenciado em Geografia pelo Instituto Federal da Bahia (IFBA), Professor de Geografia na Rede Municipal de Ensino de Salvador. robsonrcf15@gmail.com.

✉ Escola Municipal Jardim Santo Inácio, Praça Jardim Santo Inácio, quadra C, número 01. Salvador, BA. 41231-015.

² Doutora em Geografia, Professora da Licenciatura em Geografia do Instituto Federal da Bahia (IFBA) – Campus Salvador. patriciaponte@ifba.edu.br.

✉ Instituto Federal da Bahia, Rua Emídio dos Santos, s/n, Barbalho, Salvador, BA. 40301-015.

INTRODUÇÃO

“O amor de ambos estava ligado àquela universidade e, em especial, aos aposentos deles, de modo que não concebia encontrarem-se em outro lugar.”
E. M. Forster, 2006, p. 87.

As questões do gênero e de sexualidade têm ganhado grande repercussão social nos últimos anos, sendo um dos possíveis fatores para tanto as recentes conquistas de direitos civis pela população LGBTQIA+, como a aprovação do casamento igualitário, em 2013 (BRASIL, 2013), e a criminalização da homofobia e da transfobia, em 2019 (BRASIL, 2019). Paralelo a esses avanços, no entanto, vêm se intensificando discursos contrários à garantia desses direitos e às próprias formas de existir desses sujeitos, sobretudo no âmbito religioso e político institucional, em que partidos e personalidades conservadoras adentram espaços de poder pautando pretensões “privilégios” dessa população historicamente marginalizada.

Assim, à medida que há uma maior visibilidade de tal grupo populacional, crescem também os movimentos de grupos de ódio, provocando o aumento da violência contra pessoas LGBTQIA+¹, particularmente quando elas manifestam afetos entre si. Desse modo, estão postas as condições que podem influenciar as formas pelas quais esses sujeitos concebem e vivenciam o espaço público e como manifestam suas afetividades nesses locais. Diante disso, torna-se importante problematizarmos essa questão, entendendo o corpo e suas emoções como indissociáveis da forma-conteúdo, concreta e simbólica dos espaços. Sendo assim, o presente trabalho é uma

¹ De acordo com levantamento realizado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), entre os anos de 2015 e 2017, a cada uma hora, uma pessoa LGBTQIA+ foi agredida no Brasil. Destas, 46% eram travestis e transsexuais (PUTTI, 2020).

tentativa de compreender as manifestações afetivas da população LGBTQIA+ a partir das suas percepções e vivências nos espaços públicos da cidade de Salvador, tendo como lugar de observação deste fenômeno o trajeto que vai do Morro do Cristo ao Porto da Barra, na orla atlântica da cidade².

Para tanto, esta pesquisa teve na fenomenologia o seu aporte metodológico e tomou como elemento central de investigação as experiências geográficas de afetos pelos sujeitos LGBTQIA+ nos espaços públicos. Tal perspectiva filosófica é a que melhor dialoga com os objetivos deste trabalho por possibilitar uma “visão heurística” da “natureza multifacetada” do fenômeno enquanto é vivido (MARANDOLA JR., 2016, p. 456), ou seja, experienciado pelos diversos sujeitos, sem desconsiderar, contudo, a imbricação de processos outros, de cunho social, cultural, político e econômico no mundo contemporâneo. Ao mesmo tempo que a fenomenologia nos permitiu um distanciamento de concepções apriorísticas da realidade investigada, reestruturando nosso olhar geográfico, possibilitou-nos uma maior e mais profícua aproximação do fenômeno à medida que nos conectamos a muitos desses sujeitos e lugares a partir dos afetos que nos foram partilhados – de medo, de dor, de amor, de realização e de felicidade.

Em relação aos procedimentos metodológicos, o presente estudo foi sendo construído em diferentes etapas. Em um primeiro momento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com sujeitos autodeclarados LGBTQIA+, com enfoque nas suas experiências afetivas nos espaços públicos da cidade de Salvador (isto é, considerando também outros espaços além do bairro da Barra). As perguntas buscaram levá-los a refletir sobre o seu cotidiano de afeto pelos espaços públicos e semipúblicos da cidade, identificando

² Trabalho desenvolvido antes do início da pandemia de Covid-19.

Do cristo ao porto: afetividade LGBTQIA+ nos espaços públicos de Salvador
Robson Cerqueira Ferreira, Patrícia Ponte

possíveis conflitos e/ou experiências positivas e visando, a partir das falas e das memórias, a compreensão dos seus papéis como “sujeitos espaciais”, que ocupam, criam e ressignificam lugares de vivência. Essas entrevistas foram feitas de forma online e de forma presencial (na última modalidade, foram realizadas diretamente no campo de estudo, do Cristo ao Porto da Barra). Ao todo, foram entrevistadas 36 pessoas, sendo a grande maioria dos participantes pessoas jovens (abaixo dos 30 anos) e residentes em Salvador.

Paralelamente à realização das entrevistas online, procedemos com as idas ao campo para observação do fenômeno e identificação e aproximação aos sujeitos da pesquisa. Para essa etapa, nos pautamos na percepção da exposição afetiva sem inibições entre sujeitos do mesmo sexo nos espaços públicos. Se havia clara exposição afetiva entre casais (mãos dadas, beijos, abraços ou qualquer forma de uma intimidade maior), os sujeitos eram convidados a responder as perguntas da entrevista, sob a garantia da preservação de suas identidades. Foram entrevistados cerca de 10 casais do Cristo ao Porto da Barra, pouco antes dos primeiros casos de Covid-19 serem identificados em Salvador e do consequente fechamento dos estabelecimentos públicos e privados na cidade, no mês de março de 2020.

No que concerne ao aporte conceitual utilizado, consideramos por emoção, afeto e correlativos como afetividade, as elaborações teórico-conceituais de Silva (2019), Andreotti (2013) e Tuan (1983), entendendo a emoção como componente fundamental do pensamento e da ação do ser-no-mundo, e, por conseguinte, da espacialidade humana. Para Silva (2019, p. 60), a emoção é “como uma forma de ação, que conforma o mundo de sentido e significado para o sujeito simbólico e serve como uma guia nas relações intersubjetivas e com o mundo dos objetos”. Por sua vez, Tuan (1983, p. 11) ressalta que as emoções

são imprescindíveis à formação do pensamento e às concepções de espaço-tempo do ser humano em dada cultura; e Andreotti (2013, p. 99) afirma que elas dão colorido às formas espaciais, isto é, preenchem as nossas experiências no mundo de múltiplos significados.

Em vista disso, consideramos então que nossa relação sensorial e perceptiva com o espaço está fortemente imbricada à questão emocional, e isso torna cada espaço uma experiência de vida significativa, podendo ser positiva ou negativa. Na qualidade de emoções positivas, elas poderão ensejar repetições, multiplicidade de outras formas de viver aquele espaço, podendo até levar mais pessoas a seu entorno. No entanto, a experiência negativa poderá favorecer o abandono do espaço por determinados sujeitos e grupos sociais, restringindo as experiências ali envolvidas.

Entendemos, portanto, que a conformação do espaço se dá a partir da ação corporal e emotiva dos sujeitos que, individual e coletivamente, estabelecem acordos e lógicas de organização, uso e apropriação dos lugares. Segundo Breton (2006, p. 07), os corpos emergem de contextos socioculturais específicos e adquirem formas simbólicas próprias de identificação e interação no/com o mundo, logo, nem todo corpo se relaciona emocionalmente no espaço-tempo do mesmo modo, sendo resultado de uma produção cultural e espacial particulares. Dessa maneira, cabe-nos questionar a constituição sociocultural dos corpos LGBTQIA+ e quais/como as emoções advindas deles estão ligadas aos espaços públicos.

Assim, a afetividade LGBTQIA+ aqui estudada correlaciona a ação de corpos tornados culturalmente abjetos – segundo formulações de Breton (2006) e Trevisan (2000) – a lugares nos quais sua experiência afetiva sequer foi pensada como possível enquanto sujeitos dotados de voz e vida, de personificações públicas possíveis para além do caricato. É por meio, portanto, das experiências afetivas desses sujeitos nesses

Do cristo ao porto: afetividade LGBTQIA+ nos espaços públicos de Salvador
Robson Cerqueira Ferreira, Patrícia Ponte

espaços que propomos refletir acerca de um possível “lugar familiar” por séculos negado a seus corpos e às suas emoções, as quais deviam manter-se escondidas. Assim como os espaços públicos, que possuem tal estatuto **quando estão** sendo públicos, congregando atividades, modos de ser e estar diversos e compartilhados, em certa medida, o afeto também se torna público, no sentido de visível e comunicado.

AS FORMULAÇÕES HUMANISTAS E O RETORNO DOS AFETOS

A Geografia das Emoções nos chama a atenção para uma profunda necessidade de se repensar a relação sujeito-espaço. Tendo por centralidade as emoções, são impressos nos espaços cotidianos de vida sentidos e significados diversos que, por sua vez, (re)criam as feições material e simbólica destes espaços. Segundo autores como Oatley e Jenkins, (apud SILVA, 2019, p. 37), pode-se entender que as emoções “derivaram dos significados humanos que são necessariamente culturais”, sendo, pois, “produtos culturais, como as linguagens ou as obras de arte” (SILVA, 2019, p. 37). As emoções traduzem e são importantes infraestruturas da vida social à medida que conectam entre si diferentes sujeitos e lugares, tendo em conta a cultura de cada lugar, como menciona Merleau-Ponty (1999, p. 257):

Ora, de fato a mímica da cólera ou a do amor não são as mesmas para um japonês e para um ocidental [...]. Os sentimentos e as condutas passionais são inventados, assim como as palavras. Mesmo aqueles sentimentos que, como a paternidade, parecem inscritos no corpo humano são, na realidade, instituições. É impossível sobrepor, no homem, uma primeira camada de comportamentos que chamaríamos de “naturais” e um mundo cultural ou espiritual fabricado.

No que se refere à questão emocional humana, cabe à Geografia das Emoções um olhar sensível à especificidade humana em sua

complexa formação, de maneira a se valer da interdisciplinaridade entre diferentes campos do saber, como a Filosofia, a Neurociência, a Antropologia, a Sociologia, dentre outros, como suporte ao desvelamento dos significados das experiências espaciais (SILVA, 2019). Dessa visão interdisciplinar e dialógica emerge uma geografia sensível ao ser-no-mundo e, com ela, a possibilidade de um outro olhar acerca dos sujeitos, das suas possibilidades de vida e a consequente criação de espaços acolhedores ao viver. Para Andreotti (2013, p. 99), essa perspectiva geográfica “favorece atenção às emoções, aos sentimentos e às sensações como fontes de conhecimentos [...] se posicionando, assim, além da racionalidade científica como núcleo da cultura ocidental”. É nesse sentido que a Geografia Humanista e, por conseguinte, a Geografia das Emoções se embasarão em doutrinas filosóficas como a fenomenologia e o existencialismo para compreender os diferentes modos de ser-estar no espaço.

Uma das possibilidades mais conhecidas do estudo das emoções na geografia é a compreensão das maneiras pelas quais as experiências cotidianas conformam subjetivamente distintos lugares em termos de bem-estar e afetividade. Nessa perspectiva, temos os conceitos de topofilia (TUAN, 2013) e topofobia (RELPH, 1979): enquanto a topofilia remete-se a experiências agradáveis em relação aos espaços, sejam elas estéticas por contato físico, por sensações de bem-estar ou por familiaridade e afeição, a topofobia remete-se a experiências desagradáveis em relação às paisagens, lugares e espaços, podendo provocar nos sujeitos estados de ansiedade, medo, estranheza e repulsa. Dessa forma, espaços topofílicos podem ser compreendidos como nossos “lugares no mundo”, onde nos sentimos bem, contemplados e acolhidos em nossos afetos, e, em seu extremo oposto, os espaços topofóbicos nos afastariam e impediriam nosso bem-estar, impossibilitando vivências e encontros.

Do cristo ao porto: afetividade LGBTQIA+ nos espaços públicos de Salvador
Robson Cerqueira Ferreira, Patrícia Ponte

No encontro de aportes conceituais que contemplem os objetivos das pesquisas em Geografia das Emoções, o espaço vivido carrega uma importante dimensão conceitual para tratar da relação sujeito-mundo³. Relph (1979, p. 07) o denomina de mundo-vivido geográfico, que seria “o mundo de espaços, paisagens e lugares, o qual todos devemos encontrar em nossas vidas diárias”. Espaço e mundo vividos dizem respeito, dessa forma, ao espaço cotidiano, das ações práticas que conformam experiências emocionais aos lugares. Sentidas e significadas, essas emoções dotam continuamente tais espaços de atitudes e valores, que, por sua vez, reverberam em lógicas diversas de uso e apropriação.

Na Geografia, segundo Holzer (2008), o conceito de mundo vivido ou mundo-da-vida, emprestado da fenomenologia, equivaleria ao conceito de lugar. No entender de Relph (2012, p. 29), o “lugar é onde conflui a experiência cotidiana, também como essa experiência se abre para o mundo”. Logo, o lugar consiste numa abertura contínua do ser a outros seres e coisas com que, inevitavelmente, temos contato, e essa relação implica compartilhamento de valores, significados e experiências de vida. Na presente pesquisa, entendemos os espaços públicos como lugares de vivências singulares, cuja conformação pública os torna, ao mesmo tempo, “meu e do outro”, com quem partilho determinadas experiências afetivas.

Segundo Serpa (2013, p. 173) a compreensão do espaço vivido oferece à Geografia uma perspectiva do “agora”, cuja presentificação dos fenômenos, entre os quais o de caráter afetivo, manifesta-se

³ Para além do entendimento de espaço vivido, Silva e Gil Filho apontam o conceito de **espaço vivenciado** como alternativa epistemológica para os estudos das emoções na Geografia. Para os autores, o espaço vivenciado é um espaço de ação no qual as emoções são parte evocativa, “onde as refrações das formas simbólicas são geradoras de espacialidades qualificadas no movimento do expressivo ao representativo e ao significativo” (SILVA; GIL FILHO, 2020, p. 157).

em totalidade-presente, sem, contudo, negar a dimensão histórica e futura que perpassa e determina as possibilidades de existência e ação no cotidiano. No caso da nossa pesquisa, a dimensão histórica das representações de corpos e afetos LGBTQIA+ desempenha papel significativo nas experiências espaciais desses sujeitos, como veremos adiante.

Ao investigar e teorizar acerca das manifestações no espaço público por diferentes corpos e demandas, Butler (2018) afirma residir ali potenciais diversos de reconhecimento do outro, à medida que se veem parte de uma mesma realidade social adversa às suas existências no mundo. Nesse sentido, encontram-se no espaço público, que os permitem, ante o caráter diverso e dialógico que lhe é próprio (GOMES, 2018), expressar valores e formas de vida não hegemônicas, através dos seus corpos e da afirmação das suas afetividades. Esses espaços podem, desta maneira, ser apropriados por grupos tão marginalizados cuja esfera de discussão política, quando não é negada, sequer existe. É nesse sentido que, ainda segundo Butler (2018, p. 24), “afirmar que um grupo de pessoas continua existindo, ocupando espaço e vivendo obstinadamente já é uma ação expressiva, um evento politicamente significativo”.

Em vista disso, Butler (2018) chama atenção à importante aliança que fazemos cotidianamente nos espaços públicos, já que a lógica do mercado carimba a muitos como não-visíveis, não passíveis, portanto, de emoções diversas. Assim, a Geografia das Emoções incube-se a um olhar e uma postura sensíveis ao que de fato nos afeta na vida cotidiana, a fim de permitir uma reflexão apurada sobre diferentes realidades, sujeitos e emoções, e sobre as formas pelas quais podemos construir espaços de vida aptos a uma existência humana digna, material e emocionalmente positiva.

O CORPO E AS EMOÇÕES LGBTQIA+ AO LONGO DO ESPAÇO-TEMPO

Como pensar as emoções e descartar os corpos que as produzem – biológica, psicológica e culturalmente? Não nos parece profícuo subjugar a objetividade do corpo em prol da subjetividade das emoções e vice-versa, na análise de uma realidade em si objetiva-subjetiva, histórica e geograficamente construída. Diante disso, lembremos que os sujeitos da pesquisa se envolvem emocionalmente entre si e com outros através de corpos que também são espaço e expressam, portanto, uma relação de intenção e entrega a seu entorno, influenciando e deixando-se influir. Logo, segundo afirma Breton (2006, p. 07), o corpo “é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” em dado contexto sociocultural, seja através da expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, dentre outros. É, ainda, a primeira dimensão espacial de que temos consciência e através da qual dotamos nosso entorno de sentido e significado, residindo aqui a sua importância na constituição do espaço geográfico.

Diante do exposto, é a partir de uma breve análise histórico-geográfica dos corpos LGBTQIA+ e, por conseguinte, das suas emoções que propomos desvelar as simbologias neles impregnadas e de que forma essas irão interferir na relação sujeito-espaço na contemporaneidade. Afinal, como afirma Silva (2019, p. 28), “as relações intersubjetivas são essenciais para entender a Geografia das Emoções, em que a experiência emocional faz parte da organização da estrutura e da ordem social e cultural de nossas vidas”. Ainda segundo a autora, entendendo as emoções como fatos espaciais, ou seja, intrínsecos à ação do ser humano no espaço, “determinados contextos, processos históricos e práticas culturais vão modificar nossa relação com o espaço” (SILVA, 2019, p. 28). Resta-nos saber a respeito

dessa estrutura histórico-cultural e quais implicações repercutiriam nas experiências afetivas dos sujeitos da presente pesquisa.

Diferentemente do que alguns imaginam, a LGBTfobia no Brasil não se inicia a partir dos portugueses, haja vista que os próprios indígenas dispunham, à época, segundo narrativa de viajantes europeus recém-chegados ao “novo mundo” (padres, missionários etc.), de formas próprias de nomear homossexuais entre os seus, denotando palavra similar ao termo “viado” (TREVISAN, 2000, p. 58). Percebe-se com isso que a aversão a homossexuais comunga da perspectiva do “outro” enquanto diferença a partir de dado ordenamento sociopolítico, havendo, desta forma, a segregação ou a exclusão, completa ou parcial de determinados indivíduos e grupos.

Segundo o escritor, pesquisador e expoente do movimento LGBTQIA+ no Brasil, João Silvério Trevisan, o escrivão português Pero Vaz Caminha observou que os indígenas “não fazem o menor caso de cobrir ou mostrar suas vergonhas, e nisso são tão inocentes como quando mostram o rosto” (TREVISAN, 2000, p. 42). Desse relato vemos que a moralidade católica impõe às experiências indígenas um estigma de diferença que os coloca em opostos enquanto humanos e “selvagens”. Alguns desses povos originários são denominados por viajantes europeus como “bugres” e “gentios” – esse último termo identitário faz referência ao pecado da prática homossexual (TREVISAN, 2000, p. 44). Podemos dizer que há, aqui, uma intersecção da opressão ao corpo não-branco e dissidente da norma heterossexual, a partir da lógica de poder do colonizador.

O corpo LGBTQIA+ é, desde cedo, interpretado como estranho e adverso ao sistema de normas socioespaciais impostas, em especial quando consideramos o contexto eurocêntrico. Esse apanhado histórico é importante, pois, em determinados períodos histórico-geográficos, a partir de discursos e práticas comuns – com

Do cristo ao porto: afetividade LGBTQIA+ nos espaços públicos de Salvador
Robson Cerqueira Ferreira, Patrícia Ponte

legitimação do poder religioso, médico e jurídico – são formadas intersubjetividades relativas ao que vem a ser denominado sexualidades dissidentes. Estas intersubjetividades, compartilhadas social e culturalmente, conformarão as relações espaciais à medida que tais sujeitos ou grupos adentram nos espaços públicos. Sendo assim, esses sujeitos poderão vir a ter – em decorrência das suas identidades sexuais e de gênero culturalmente construídas ao longo espaço-tempo – experiências emocionais distintas das manifestas por pessoas cis e heterossexuais nos espaços públicos, haja vista a negação histórica da exposição e comunicação de seus afetos nesses espaços. Em suma,

A estrutura íntima do espaço tal qual nos aparece em nossas experiências concretas de mundo como membros de um grupo cultural, ele é intersubjetivo e, portanto, permeia a todos os membros daquele grupo, pois estes foram todos socializados de acordo com o conjunto comum de experiências, signos e símbolos (RELPH apud HOLZER, 2013, p. 21).

Nesse sentido, somos todos, em parte, reflexo de experiências emocionais no espaço-tempo, que condicionam, de uma maneira ou de outra, de formas mais ou menos intensas, nossa relação concreta com o espaço. Toda essa carga intersubjetiva, repleta de emoções diversas e socializada através de signos e símbolos, poderá delimitar ou ampliar nossos modos de ser e estar no espaço, em consonância com as relações de poder, seus agentes e motivações distintas de dado período. O poder religioso, por exemplo, o qual desde a colonização agencia fortemente a vida social, econômica e política dos diferentes sujeitos e espaços, pode conferir ao nosso entorno princípios intersubjetivos bastante fortes com relação ao corpo e, por conseguinte, à manifestação de afeto – seus desejos, amores, seus projetos de vida; em síntese, seus presentes e futuros. São exemplos claros disso o fato de a Igreja Católica não permitir

relações não-monogâmicas ou sexo fora do casamento bem como a relação conflituosa que mantém com o celibato, que influi não só na questão sexual, mas questão afetiva do ser humano.

Diferentemente do que aconteceu na colonização e em outros períodos de nossa organização espacial (como no século XIX, quando o estigma de doença é imputado pela ciência médica-psiquiátrica aos desejos dissidentes), os anos de 1960 e 1970 tornam-se um marco da luta política LGBTQIA+ enquanto movimento socioespacial. Algo até então restrito à Europa do século XIX, segundo Fry e Macrae (1985), tal organização política reivindicava reconhecimento, e, em paralelo, lugar de existir – tendo sido o marco da luta contemporânea pelos direitos civis LGBTQIA+ o bar nova-iorquino Stonewall. O movimento cobrava posicionamento político da população LGBTQIA+ para “assumir-se”, mostrar-se nos muitos espaços de poder e, com isso, confrontar a heterossexualidade compulsória, que via a todos, até que se provasse o contrário, como pessoas heterossexuais.

Entretanto, além de simplesmente “sair da clandestinidade”, era preciso “ir às ruas” (FRY; MACRAE, 1985, p. 96-97) e, com isso, tornar-se corpo visível, familiar e, por conseguinte, afetivo. Esse movimento diz respeito também aos espaços para manifestação de afetividade entre iguais, antes restritos aos “guetos gays”⁴ (TREVISAN, 2000, p. 257). A estratégia era (e talvez continue sendo) ocupar os espaços e enchê-los de possíveis afetos, de forma que houvesse, evidentemente, uma forte imbricação política. Nos espaços em que se reuniam, havia

⁴ De acordo com Benhur Pinós da Costa (2020, p. 127), esses espaços podem ser entendidos como “brechas de experiências intersubjetivas, que subvertem o espaço interdito na produção de espaços de relações possíveis baseadas na afetividade, no exercício da sexualidade e do amor”. A extensa obra do autor nos oferece importantes reflexões acerca das experiências e vínculos que sujeitos dissidentes da norma heterossexual têm com os/nos espaços e sua influência na constituição de identidades e microterritorialidades nas cidades.

Do cristo ao porto: afetividade LGBTQIA+ nos espaços públicos de Salvador
Robson Cerqueira Ferreira, Patrícia Ponte

uma conjugação de intensos sentimentos de segregação e exclusão dos lugares; dores que se multiplicavam à medida que a esperança por dias melhores também parecia surgir e ganhar força. Nos espaços públicos em que manifestavam seus afetos (in)surgia uma dimensão política, como nos diz Gomes (2018, p. 116):

Poucos autores atribuem um significado político à simples permanência e uso dos espaços públicos. É possível, no entanto, arguir que a chamada “vida pública urbana”, ou seja, os rituais que regulam a co-presença de pessoas com expectativas, interesses e valores muito diversos sob o mesmo espaço, não resulta de uma ação espontânea. Trata-se de um longo processo de conquistas de direitos. De tão generalizados, esses rituais podem parecer naturais, mas não são. Permanecer nos espaços públicos, com todos os direitos que eles asseguram, é um exercício político na vida social.

Podemos afirmar que esse movimento político ganha ímpeto sobretudo no início dos anos 1980, com o surgimento da AIDS. Tal doença escancara uma sociedade insensível ao afeto LGBTQIA+, que tem de lidar com esses corpos e existências marginais que agora agonizam na porta dos hospitais (TREVISAN, 2000, p. 268-269). Assim, a doença chega ao cotidiano da sociedade, intensificando a já vivenciada discriminação para com afetos desses indivíduos e de outros tantos à margem da vida social pública. Nessa perspectiva, Trevisan (2000, p. 286) considera que, em certa medida, é “[...] válido analisar o advento da Aids como uma consequência, alegórica ou não, da extrema solidão dos homossexuais em geral”. Aqui, conforma-se um espaço cujas normas socioculturais e religiosas impregnam os corpos LGBTQIA+ não somente de sentimentos de culpa e aversão, como outrora haviam feito, mas também os remete à doença – e, conseqüentemente, à dor e à morte, dos seus corpos e de suas afetividades.

Tendo isso em vista, a doença, chamada por alguns de “câncer gay”, repercutiu nas relações sociais cotidianas produzindo um duplo caráter: de um lado, o afastamento ainda maior do espaço público; e, de outro, o aparecimento e a formação de novos movimentos sociais. Ainda que em contexto/espaço marcado por uma grande rejeição a tudo que remetesse à homossexualidade, os sujeitos LGBTQIA+ viam na luta política e no espaço público uma necessidade, uma saída para a invisibilidade e para a restrição aos lugares que lhes eram imputadas.

No Brasil, estudos feitos por Costa oferecem um amplo enfoque à compreensão contemporânea das vivências homoafetivas nos espaços públicos, evidenciando o caráter específico e conflituoso de sua espacialização a partir do conceito de território. Segundo Costa (2010, p. 30), “as afetividades homoeróticas ocorrem visivelmente principalmente em lugares caracterizados pela diversidade cultural e cosmopolitismo, muitos deles incentivados pela frequência turística”, (como é o caso dos lugares aqui analisados, Cristo e o Porto da Barra, em Salvador). Ao utilizar a categoria de **microterritórios** para investigar a apropriação LGBTQIA+ no espaço urbano, o autor reforça que tal “visibilidade pública homoerótica implica a efetiva territorialização de uma ‘comunidade efêmera/ momentânea’, ou uma forte agregação em partes do espaço, também delimitada no tempo” (COSTA, 2010, p. 30).

O que abordamos neste trabalho até aqui trata-se de um recorte geral de como corpos LGBTQIA+ e suas emoções foram vistos e construídos, sobretudo na história Ocidental, tentando pôr luz a um fenômeno complexo cuja natureza multifacetada estabelece-se em realidades distintas e variadas, dentre as quais figura a que propomos compreender. O que se pretende discutir é se (e como) a força dos discursos simbólicos ao longo de séculos imputados a esses corpos

Do cristo ao porto: afetividade LGBTQIA+ nos espaços públicos de Salvador
Robson Cerqueira Ferreira, Patrícia Ponte

e desejos incide, atualmente, nas experiências espaciais afetivas nos espaços públicos de Salvador. Cabe-nos, dessa forma, entender a afetividade LGBTQIA+ nesses espaços enquanto processo histórico-político de reafirmação do lugar de existir-em-situação, ressaltando a potência dos espaços públicos como espaços de exposição e comunicação de ideias, valores e imagens de mundo nas sociedades democráticas.

O CAMPO DA (A) VIDA

“O verdadeiro lugar de nascimento é aquele em que lançamos pela primeira vez um olhar inteligente sobre nós mesmos.”
Marguerite Yourcenar (2023, p. 24).

Nota-se a afetividade entre casais LGBTQIA+ no bairro da Barra, em Salvador, sobretudo aos finais de semana, período no qual o público no percurso de observação – do Porto da Barra ao Morro do Cristo (Figura 1) – destoa daquele visto nos dias úteis, em sua maioria trabalhadores e residentes. Nos finais de semana, as praias do Farol e do Porto da Barra ficam cheias de pessoas de outros lugares da cidade, e o Morro do Cristo é ocupado por vários casais e famílias, idosos e crianças, turistas e moradores. Há policiamento tímido, ao longe, entre a rua que dá acesso ao shopping ou, de vez em quando, numa alameda próxima ao monumento. No Farol e no Porto, a polícia também realiza rondas de carro.

A paisagem convida a práticas distintas no espaço, especialmente de lazer. Alguns, sentados nos bancos, conversam enquanto fotografam, outros apenas apreciam a dinâmica local, observando o grupo sentado na grama, que se desfaz quando o som e o movimento do aspersor molha suas roupas e sapatos. Uns se afastam rindo e outros só se distanciam, meio a contragosto. No geral, a cena diverte.



Figura 1 – Percurso do Porto da Barra ao Morro do Cristo, bairro da Barra, Salvador - BA
Fonte: Imagem ESRI, 2020, elaboração R. C. Ferreira, 2023.

Há casais acompanhados dos filhos, grupos de esporte, pessoas visitando o espaço pela primeira ou última vez. No entorno, a brisa forte do mar e o sol pouco quente reorientam a dinâmica local. O fluxo de pessoas é intenso, subindo e descendo com cachorros, de bicicletas, correndo sozinhas ou acompanhadas.

Casais LGBTQIA+ tiram fotos de si, alguns separados dos seus companheiros, revezando a vez de ser o fotógrafo e modelo; outros, mais próximos, fazem *selfs* a dois. Uns são muito jovens e andam sorridentes de mãos dadas. Outros são mais velhos, e a distância que estabelecem entre si a cada registro fotográfico faz-nos imaginar o espaço-tempo em que viveram, cuja aceitação ao sentimento que possuem era muito menor do que nos dias de hoje. Aos poucos, o céu vai formando outras tonalidades, mais azuis, fortes e noturnas, e o

Do cristo ao porto: afetividade LGBTQIA+ nos espaços públicos de Salvador
Robson Cerqueira Ferreira, Patrícia Ponte

brilho do sol vai se esvanecendo. Nesse instante, as pessoas batem palmas para o espetáculo de despedida, coincidindo também com o início de seus deslocamentos para casa.

Com exceção da figura 1, que retrata cartograficamente o percurso sob o qual nos debruçamos nesta pesquisa, as demais fotos aqui apresentadas registram experiências afetivas dos sujeitos LGBTQIA+ nos espaços públicos de Salvador. Os registros fotográficos nos mostram casais de moradores locais ou turistas, cujas afetividades se fazem próximas e presentes apesar do distanciamento aparente da nossa câmera. Esta, por sua vez, revela-nos seres-em-situação, espacial e emocionalmente localizados no mundo, constituindo e partilhando (re)existências. São registros que demonstram a interdependência do ser-no-mundo em relação com/aos outros e às coisas. Nesse ínterim, em que casais são vistos observando a paisagem, também são observados nela; distanciando-se e se aproximando-se uns dos outros, estabelecendo e recriando sentidos de identificação e apropriação do mundo. Em suma, esse “pertencimento integral entre o ser e as coisas para as quais ele intencionalmente se volta” é o espaço vivido (HOLZER, 2013, p. 22).

No Morro do Cristo, entre um e outro ambulante que circula vendendo picolé, água e salgadinhos e algum casal tirando foto dos filhos, um casal LGBTQIA+ conversa, troca olhares e, abraçados, alguns beijos. Algumas pessoas olham ao redor, e, ao mesmo tempo, fingem não ver. Ninguém diz nada. Parece haver no entorno algo que os camufla e que, saindo desse entorno tal aparato seria desfeito e os tornaria vulneráveis ao darem o mesmo beijo ou se tocarem, mesmo que minimamente. Um casal de turistas comenta que há outros casais LGBTQIA+ ao redor e que se sentem seguros com isso. Mesmo longe, parece haver por parte desses uma sensação confortável de “não se

estar só” no mundo, de que aquele sentimento expresso, naquele lugar específico, não só é desejado por parte deles como possível.

Por volta das 18h40, enquanto luzes verdes artificiais e de brilho intenso tomam todo o Cristo e parecem abraçar o verde da grama no entorno, as praias do Farol e do Porto perdem a dinamicidade antes vista, a qual se encontra muito atrelada à presença do sol. Alguns vão para os bares e quiosques ao lado – que contam com preços acessíveis sobretudo em bares próximos ao Farol da Barra –, e outros simplesmente vão para o ponto de ônibus à espera dos coletivos cheios, demorados e cujo trajeto quase sempre é longo. A noção de longe, nesse caso, em muitas das falas que ouvimos sobre o bairro da Barra, faz transparecer um sentido que vai além da mera localização geográfica, como se significasse simultaneamente uma distância social e culturalmente posta.

As pessoas LGBTQIA+ transitam por entre os espaços (Morro do Cristo, Farol e Porto da Barra) de maneiras muito diversas e mediadas por marcadores distintos, como gênero, classe, raça e nacionalidade. Seus corpos também se inscrevem em posturas socioculturais variadas. Alguns, com camisas, shorts, cabelos e adereços arco-íris, vestindo roupas muito curtas ou excessivamente longas – os “fashionistas” – criam uma ambiência de contestação ao modo de ser-estar no espaço que é entendido como mais “respeitável”, a partir da forma como se vestem e/ou como se portam (gestos e falas). Algo intrínseco aos espaços públicos, segundo Gomes (2018, p. 116):

Todos os dias, nos espaços públicos se expõem ações que poderiam ser concebidas como manifestações políticas: formas de apresentação, comportamentos, atitudes que tem potencial transformador e de questionamento dos valores e das regras. Ao se manifestar produzem formas de adesão e de conflito, ou seja,

Do cristo ao porto: afetividade LGBTQIA+ nos espaços públicos de Salvador
Robson Cerqueira Ferreira, Patrícia Ponte

produzem um diálogo a respeito da possibilidade de se incorporar ou não essas ações, em outros termos, surge um diálogo político.

Nessa perspectiva, a manifestação afetiva entre casais LGBTQIA+ configura uma dessas formas de expressão política responsáveis pelo questionamento de valores (simbólicos) e regras (invisíveis) ali impostas. Tal expressão mostra-se capaz de alterar não só o conteúdo como a própria forma do espaço (maneira pela qual os quiosques e bares, por exemplo, possam vir a abranger esse público e as suas relações afetivas). São, pois, afetos políticos, os quais implicam exposição e diálogo constantes. Diante disso, concordamos com Safatle (2016, p. 26) quando afirma que “a política é, em sua determinação essencial, um modo de produção de circuito de afetos”. Para o filósofo, são os afetos os verdadeiros responsáveis – e não meramente o sistema de normas vigente – capazes de produzir adesão social e formas de vida específicas. Desse modo, o espaço público torna-se a essência simbólica e material da produção e circulação de afetos políticos.

No que concerne aos sujeitos LGBTQIA+ que vão à Barra, boa parte dos quais vimos e com que conversamos são de bairros periféricos, que abandonam geográfica e afetivamente, sobretudo aos finais de semana, quando partem em direção a um espaço de vida por vezes incompleto, mas que permite a eles a vivência de parte importante de si – a questão emocional. Excluídos dos espaços mais próximos às suas casas, refugiam-se nos shoppings centers, nos bares e nos cinemas da cidade, onde a tolerância ao afeto que sentem possa ser um pouco maior em relação aos lugares de moradia. Nas entrevistas e conversas informais que tivemos com alguns desses sujeitos, eles nos revelaram que a maioria dos lugares escolhidos para os passeios são espaços privados ou semipúblicos (shopping, bar e cinema), algo que inclusive nos surpreendeu. Por sua vez, o espaço público mais citado foi a praia, principalmente a do Porto da Barra, cuja atratividade, segundo alguns, deve-se ao fato de ali haver “uma atividade turística intensa e um público LGBTQIA+ sempre presente”. Em relação a isso, talvez conste no imaginário coletivo que o Porto da Barra receba uma atenção maior do policiamento em virtude do intenso turismo local, e, atrelado a isso, o clima



Figura 2 – Casal passeia de mãos dadas no Porto da Barra
Fonte: R. C. Ferreira, 2020.

cosmopolita geral seja de aceitação à diversidade, algo não muito vislumbrado nas demais praias da cidade.

Em uma das falas por nós ouvidas, uma jovem declara que ela e sua namorada vão muito à praia e ao shopping, normalmente “sem pensar”, mas que “têm aquela coisa de não ficar

Do cristo ao porto: afetividade LGBTQIA+ nos espaços públicos de Salvador
Robson Cerqueira Ferreira, Patrícia Ponte

muito próximas uma da outra por causa da reação das pessoas ao redor.” Essa fala nos chama atenção para o “sem pensar”, e, em diálogo com Andreotti (2013, p. 101), nos remete à importância de “entender mais sobre os lugares, a penetrar com sentimentos e ideias no interior de coisas, no ruído de fundo que está oculto”, a fim de vivermos “a realidade de uma forma mais consciente e profunda” e perguntarmo-nos: por que retorno ali e por que não a outro lugar? O que, afinal, aquele espaço diz sobre meu existir? O que emocionalmente ele significa para mim e por quê?

O shopping, por outro lado, também foi citado por alguns participantes como lugares que evitam ir. A justificativa é o gasto e, como dito acima pelas entrevistadas, o fato de ficarem muito contidos. Apesar de seguro, o local não abarca a experiência afetiva plena dos indivíduos que o citaram. Assim, contraditoriamente, a maioria declarou gostar de lugares movimentados, mas ao mesmo tempo “odiar” e evitar ir por terem de se distanciar com medo de possíveis agressões. Ou seja, ao mesmo tempo que o lugar atrai, também – emocionalmente – repele, o que nos faz pensar que topofilia e topofobia se misturam e se confundem na experiência espacial de sujeitos LGBTQIA+.

A segurança parece ser, de fato, um dos fatores primordiais dessa ocupação LGBTQIA+ nesses espaços e em todo o entorno do bairro da Barra. Em uma das falas, alguém pontua que, seja o espaço público (praia) ou privado/semipúblico (shopping), o fator crucial de escolha é por “locais mais movimentados”. A movimentação, independentemente da natureza do espaço, transmite maior segurança a quem passa ou simplesmente observa. Ressaltamos que essa máxima se modifica a depender do gênero e da sexualidade do entrevistado, além das condições de classe, raça etc.

Alguns entrevistados preferem manter uma certa distância entre si para que a sua integridade física e a do parceiro não sejam ameaçadas. No entanto, concordam que o distanciamento emocional que sentem **em e de** determinado lugar onde tenham de renunciar aos seus afetos os faz mal. Um casal lésbico ouvido declarou que demonstram “afeto em forma de abraços e mãos dadas”, porém evitam beijos ou carinhos que possam causar uma reação exagerada



Figura 3 – Casal de turistas (ao fundo) passeia de mãos dadas no Farol da Barra

Fonte: R. C. Ferreira, 2020.

das pessoas no entorno. Com tristeza, uma delas revelou: “nos sentimos coagidas a todo momento”. Percebe-se, deste modo, não só a falta de respeito à individualidade e à alteridade como características constitutivas de alguns espaços, mas também a coação (velada,

Do cristo ao porto: afetividade LGBTQIA+ nos espaços públicos de Salvador
Robson Cerqueira Ferreira, Patrícia Ponte

mas ao mesmo tempo quase palpável) a certos tipos de expressão identitária e afetiva. Relatos como esse evidenciam a criação social e cotidiana de **espaços interditos**, nos quais as ações de determinados corpos “são limitadas e condicionadas a se estabelecerem a partir de outras vontades, formas e ações significadas como ‘normais’” (COSTA, 2020, p. 119).

Dentre as conversas que realizamos durante nossa pesquisa, alguns casos pretéritos de LGBTfobia relatados envolviam xingamentos, reações exacerbadas e ameaças sofridas em espaços públicos. Um desses eventos marcou negativamente a vida de uma jovem entrevistada, a ponto de descrevê-lo como “um dos piores dias da minha vida”. A referência temporal vaga (“um dos piores dias da vida”) conecta-se, contudo, a um espaço (público) específico, o qual, desde então, a jovem tem evitado ir. Não à toa, segundo Relph (2012, p. 28), as experiências de lugar são mais duradouras que as experiências de tempo.

Observa-se com isso que cada gesto ou fala, por menor que seja, passa por um filtro contínuo cujo objetivo é a adesão forçada ao contrato socioafetivo estabelecido, resultando em uma experiência espacial, permeada por preconceitos que inibe a vivência e o pertencimento aos lugares. Por isso, para fugir de situações constrangedoras em que precisem “explicar à mãe da criança” ou “parar na delegacia”, alguns evitam, ainda que desejem, manifestações públicas de afeto.

Outros casos de situações constrangedoras/negativas apareceram nos relatos dos entrevistados: “É chato e desgastante, pois são comentários [gestos e atitudes] sem argumento nenhum, apenas para depreciar o amor alheio”. Os espaços públicos tornam-se, desse modo, arena de conflitos travados em microescalas cotidianas, do espaço vivido, e que incidem na constituição da subjetividade dos diferentes sujeitos e em suas relações afetivas. Entendendo esses espaços como lugar, concordamos com Relph (2012, p. 31) quando ele afirma que “o núcleo do significado de lugar se estende [...] em suas ligações inextricáveis com o ser, com a nossa própria existência. Lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco”.



Figura 4 – Casal passeia de mãos dadas em frente ao Farol da Barra
Fonte: R. C. Ferreira, 2020.

Como resultado de algumas dessas investidas e agressões físicas, verbais e psicológicas, alguns sujeitos diminuem então o contato entre si e, por conseguinte, a ida a determinados espaços. Sem local algum de encontro e partilha de afeto, desarticulam-se as relações sociais e afetivas no espaço, já que, segundo

Do cristo ao porto: afetividade LGBTQIA+ nos espaços públicos de Salvador
Robson Cerqueira Ferreira, Patrícia Ponte

Relph (2012, p. 28), “o ser é sempre articulado por meio de lugares específicos”. Conseqüentemente, o lugar perde os sentidos da diversidade e coabitação, tornando-se um espaço sem vida, um “não-lugar”, a-histórico, não relacional nem identitário (SERPA, 2013, p. 05). Todavia, alguns sujeitos insistem, “mesmo com medo”, e continuam a manifestar afeto, embora tímidos, pois, para eles, “ter coragem é essencial”. Sentir e manifestar as emoções faz com que tais lugares carreguem consigo uma potente dimensão política, cuja implicação nas experiências de vida permeia não só a relação ali explícita, mas as demais com o mundo.

Com relação às experiências positivas e aos lugares que emocionalmente tornamos e que nos tornam especiais, essas são lembradas de maneira sorridente e efusiva. São lugares muito marcantes nas trajetórias de vida, como no seguinte relato: “A Ponta de Humaitá, nosso pôr do sol favorito. Um galera mais alternativa, nossos primeiros beijos”. Vivências que ensejam a volta: “Na Praia da Paciência [bairro do Rio Vermelho], engraçado que só tinha meninos jogando bola, mas foram super respeitosos, nos ofereceram cervejas, oferecemos também para eles, não falaram nada. Pelo contrário, nos sentimos seguras naquele momento. E voltamos mais vezes, e eles estavam ali jogando novamente”. A própria narrativa dessas lembranças faz com que os sujeitos sejam transportados a esses espaços e, através da memória, vivenciem novamente emoções topofílicas de bem-estar. O contrário, infelizmente, também ocorre e a topofobia manifesta-se por meio de expressões tristes e pessimistas, de forma geral.

Dando seguimento aos relatos, um casal de turistas de Sergipe declarou que tem o bairro da Barra como um lugar marcante para sua relação. Diferentemente de Aracaju, onde “pouco se vê casais de mãos dadas”, encontraram na Barra uma forma de, pela primeira vez, realizarem esse gesto em público. A coragem para tal, confirmam, veio das demais pessoas, da presença e manifestação de afeto ao redor. Segundo nos disseram, tais expressões são vistas de modo natural, sendo que os “olhares”, muitas vezes de curiosidade, não os afetam a ponto de fazê-los parar as trocas de carinho. Percebe-se com isso a importância da representatividade e da exposição desses sujeitos e suas ações na construção de um espaço de acolhimento e que de fato contribua para uma vivência humana emocionalmente mais satisfatória.



Figura 5 – Casal aprecia paisagem do Porto da Barra
Fonte: R. C. Ferreira, 2020.

Alguns entrevistados ao relacionarem gestos corriqueiros a qualquer casal (como andar de mãos dadas, abraçar ou beijar o companheiro sem sentir medo) a determinados lugares, nos evidenciam a imbricação espacial do ser e sua experiência emocional. Em uma das conversas com sujeitos

Do cristo ao porto: afetividade LGBTQIA+ nos espaços públicos de Salvador
Robson Cerqueira Ferreira, Patrícia Ponte

da pesquisa, nos foi contado que o Parque da Cidade (um dos maiores e mais centrais parques de Salvador) marcou profundamente a sua relação, pois ali “foi a primeira vez que conseguiram sentar e se beijar”. Mesmo com medo, “olhando para os lados”, conseguiram conversar entre si e trocar afetos. “Não temos voltado lá, mas sinto falta. É um lugar que tem meu coração...”, declarou. A simplicidade presente em algumas situações descritas, de importância singular na vida dessas pessoas, remete-nos à força da questão emocional em suas experiências espaciais, aparentemente menores para quem “está de fora”. Com relação a isso, concordamos com Silva (2019, p. 291) quando menciona que “as emoções estão nas entrelinhas da vida” e que “se não dermos atenção à sua simplicidade, a vida está perdida”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ATÉ-AQUI)

Ao observarmos a afetividade LGBTQIA+ no espaço público de Salvador, do Cristo ao Porto da Barra, e ao nos aproximarmos das emoções desses sujeitos e às significações que eles atribuem a esses espaços, sejam elas positivas ou negativas, pudemos refletir, em uma primeira camada, acerca da (re)criação contínua e cotidiana do uso e apropriação dos lugares, e do enfrentamento às normas sociais hegemônicas através do ir e vir de casais do mesmo sexo, através do uso de certas vestimentas, de determinados comportamentos – olhares, carinhos e beijos trocados – ou, simplesmente, através da permanência dos seus corpos nesses espaços.

Notamos que os sujeitos LGBTQIA+ que ocupam os espaços observados concebem e vivem esses lugares de formas distintas, ao manifestarem ou não afeto entre si. Entendendo tais espaços nesse contexto como espaços vividos, tem-se uma forte imbricação ontológica do **ser-no-mundo**, cuja existência é interdependente do outro. Nessa perspectiva, haveria nesses lugares potencialidade para a constituição de outras formas de **ser** e **ser em** relação com o outro e com mundo, possibilitando, talvez, maior adesão social à questão LGBTQIA+ (e para além dela). O trajeto entre o Cristo e o Porto constitui-se como espaço político da vida social pública – visível e comunicada. É, ainda, espaço vivido do comportamento e valores humanos, individuais e coletivos,



Figura 6 – Pôr do sol no Farol da Barra; no entorno, alguns casais LGBTQIA+

Fonte: R. C. Ferreira, 2020.

que se realiza a partir da complexidade dos desejos e significados atribuídos aos lugares.

As narrativas aqui descritas são parte desse mundo vivido, de relações emocionais compartilhadas entre si, de uma complexa rede afetiva que, em

Do cristo ao porto: afetividade LGBTQIA+ nos espaços públicos de Salvador
Robson Cerqueira Ferreira, Patrícia Ponte

dado espaço-tempo, produz e organiza, social e culturalmente, diferenciações e exclusões de corpos e emoções no espaço público. Ainda que apontem o caráter político do espaço público em questão, tais relatos devem ser lidos como abertos, em situação, fruto do processo contínuo de inacabamento do **ser-no-mundo**. São narrativas próprias que nos situaram em determinados lugares vividos e nos colocaram perspectivas de reflexão a partir daquelas emoções específicas. Afinal, por que esse espaço foi/é assim, e o que fazer para vir a ser diferente? É possível ser de outra forma?

Aqui, a perspectiva histórico-geográfica trazida no início desta pesquisa dialoga com os relatos dos sujeitos e com nossas indagações, sinalizando que a mudança não é só possível, como necessária ante as novas necessidades da vida social e afetiva do ser humano. E, independentemente da manifestação ou não do afeto entre sujeitos LGBTQIA+, a simples presença, a permanência dos seus corpos, inscritos por formas de expressão variadas (oral, gestual etc.) qualifica e transpõe fronteiras normativas de uso e apropriação desses lugares no que diz respeito à legitimação de formas outras de vida e, conseqüentemente, de seus afetos.

Diante disso, podemos afirmar que a dimensão geográfica acerca da questão emocional LGBTQIA+ pode trazer elementos que ampliem as possibilidades de uso e apropriação dos espaços da cidade. A noção de não estar só, tendo ainda todo um aporte de tentativa e “erro”, de derrotas e vitórias, de tombos e recomeços anteriormente construídos em distintos espaços, permite-nos uma atitude mais consciente das nossas trajetórias no mundo, restando-nos reabrir novos caminhos sem que tenhamos de construir a todos eles do zero. Desse modo, compreendemos que a afetividade desses sujeitos no espaço-tempo está atrelada a uma constelação de conexões e a constituições espaciais de uma luta constante por lugar de existir em

plenitude, em que o afeto também depende do espaço para torna-se, como tal, político. ☉

REFERÊNCIAS

ANDREOTTI, Giuliana. Geografia emocional e cultural em comparação com a geografia racionalista. In: HEIDRICH, Álvaro; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino (Orgs.). **Maneiras de ler geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre; Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 98-105.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. Resolução Nº 175 de 14/05/2013. Dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/atos-normativos?documento=1754>. Acesso em: 22/05/2023.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Ação direta de inconstitucionalidade por omissão (ADO) nº 26 /DF – Distrito Federal. Relator: Ministro Celso de Mello. 13 de jun. de 2019. Disponível em: <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=754019240>. Acesso em: 22/05/2023.

BRETON, David Le. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e a Política das Ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COSTA, B. P. Espaço social, cultura e território: o processo de microterritorialização homoerótica. **Espaço e Cultura**, n. 27, p. 25-37, 2010.

COSTA, B. P. As geografias das lutas por reconhecimentos sociais: a fenomenologia e o problema da constituição da identidade homossexual no espaço interdito e nas microterritorialidades. **Espaço e Cultura**, n. 48, p. 104–136, jul./dez de 2020.

FOSTER, E. M. **Maurice**. 1ed. São Paulo: Globo, 2006.

Do cristo ao porto: afetividade LGBTQIA+ nos espaços públicos de Salvador
Robson Cerqueira Ferreira, Patrícia Ponte

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GOMES, Paulo César da Costa. Espaço público, espaços públicos. **GEOgraphia**, Niterói, v. 20, n. 44, p. 115-119, 2018.

HOLZER, Werther. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Matrizes da Geografia Cultura I**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. p. 103-122.

HOLZER, Werther. A geografia humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, p. 137-147, maio 2008.

HOLZER, Werther. Sobre territórios e lugaridades. **Cidades**, São Paulo, v. 10, n. 17, p. 18-29, 2013.

MARANDOLA JR., E. Geografias do porvir: a fenomenologia com abertura para o fazer geográfico. In: SPOSITO, E. S.; SILVA, C. A. da; SANT'ANNA NETO, J. L.; MELAZZO, E. S. (Orgs.). **A diversidade da geografia brasileira**: escalas e dimensões da análise e da ação. Rio de Janeiro: Consequência, 2016. p. 451-466.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PUTTI, Alexandre. Um LGBT é agredido no Brasil a cada hora, revelam dados do SUS. **Carta Capital**, 16/07/2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/um-lgbt-e-agredido-no-brasil-a-cada-hora-revelam-dados-do-sus/>. Acesso em: 03/05/2023.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 11-25, abr. 1979.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim dos indivíduos. 2ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SERPA, Ângelo. Paisagem, lugar e região: perspectivas teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos. **GEOUSP – espaço e tempo**, São Paulo, n. 33, p. 168-185, 2013.

SILVA, Márcia Alves Soares da. **O Eu, o Outro e os Nós**: Geografia das Emoções à luz da Filosofia das Formas Simbólicas de Ernst Cassirer (1874-1945) e das narrativas de pioneiros da Igreja Messiânica Mundial. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

SILVA, M. A. S. da; GIL FILHO, S. F. Sobre o conceito de espaço vivenciado: refletindo as espacialidades a partir das experiências emocionais. **Geograficidade**, v. 10, n. Especial, p. 153-168, 2020.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

YOURCENAR, Marguerite. **Memórias de Adriano**. 26ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2023.

Submetido em agosto de 2021.

Revisado em abril de 2022.

Aceito em junho de 2022.